

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A TEORIA NA SUA FORMA MAIS PRÁTICA

SIQUEIRA, Ivone do Santos¹; PIOCHON, E. M.²; MARIANO-da-SILVA, Samuel³

Palavras-chave: Ensino, Oficinas Didáticas, Meio Ambiente, Aulas Práticas,

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

As propostas governamentais para educação (Plano de Educação em Ciências, Ensino Fundamental e no Ensino Médio), se encontram na página do MEC (www.mec.gov.br), juntamente com os editais do Prêmio Grupo Ciências e do Programa Nacional de Incentivo à Formação Continuada de Professores do Ensino Médio- Pro-Ifem. Em relação aos projetos de ciência desenvolvidos por professores do ensino médio, existe uma proposta de criação das OCAs (Oficinas de Ciência e Arte), destinadas ao desenvolvimento destes projetos e da CAPEM (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Professores do Ensino Médio), similar à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), destinada a subsidiar bolsas de pós-licenciatura aos professores do ensino médio, propositores desses projetos. Em 2003 o Governo Federal, por meio do Ministério do Meio Ambiente, realizou a primeira Conferência Nacional do Meio Ambiente - Vamos Cuidar do Brasil, com uma versão para jovens, denominada Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente. Feita em parceria com Ministério da Educação, a Conferência Infanto-Juvenil contou com a participação direta de 16 mil escolas, onde seis milhões de pessoas entre estudantes, professores e comunidades, debateram a temática ambiental. Além das escolas regulares do ensino fundamental, participaram escolas indígenas, quilombolas, ribeirinhas, caiçaras, de assentamento e de portadores de necessidade especiais. No estado de Goiás, em especial em Jataí, percebe-se no dia-a-dia da sala de aula que prática e teoria não estão sendo trabalhadas conjuntamente, o que pode ser comprovado pelos resultados insatisfatórios do ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio) e SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) (Brasil, 2004, a; b). Os dados revelam a dificuldade que os estudantes encontram para assimilar conhecimentos teóricos isolados da prática. As aulas práticas devem ser momentos privilegiados para aprofundamentos de conceitos, tendo um caráter muito mais qualitativo e quantitativo Krasilchik (2001). Uma pesquisa feita por Barzano (2000) em um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, concluiu que existe uma demarcação explícita entre os saberes que são ensinados nas disciplinas, configurando uma territorialidade curricular que obstaculiza um trabalho interdisciplinar, uma vez que as disciplinas são organizadas em conteúdos isolados por si mesmos, desconsiderando suas interrelações conceituais, historicamente constituídas. Dessa forma, o conhecimento fica compartimentado em um monólogo epistemológico que esvazia as possibilidades de um tratamento interdisciplinar que valorize a pluralidade dos saberes ambientais. Pode-se acreditar que o mesmo acontece nas salas de aula das escolas de ensino fundamental e médio do município de Jataí-GO. Há um extenso campo sobre Educação Ambiental que deve ser explorado teoricamente no currículo do ensino fundamental e médio nas disciplinas de Ciências e Biologia e, que podem ser trabalhados em forma de aulas práticas por professores e alunos. O debate em torno da Formação de Professores vem sendo destacado nas principais conferências e seminários sobre educação no Brasil e tornou-se mais presente, principalmente, a partir do final da década de 70 e início dos anos 80, em virtude da reformulação dos cursos de Licenciatura (Pereira, 2000). Especificamente, a discussão sobre a Formação de Professores voltada para as questões ambientais começa a ser investigada, com maior intensidade, a partir dos anos 90, como podemos constatar nas recentes publicações de trabalhos no campo da Educação Ambiental. Atualmente, a questão ambiental é tratada em diferentes espaços educativos, além da escola, tais como ONGs (Organizações Não Governamentais), assentamento, igreja,

cooperativa, parque ecológico, zoológico, entre outros. Assim, há a necessidade de abordarmos diferentes temáticas nos cursos de formação de professores pois como nos ensina Leff (1998), “o saber ambiental não é um novo setor do conhecimento ou uma nova disciplina. A formação ambiental não se reduz à incorporação de uma matéria adicional de ecologia aos conteúdos curriculares atuais. Mais do que uma dimensão, trata-se de um saber emergente que perpassa todas as disciplinas e todos os níveis do sistema educativo”. Uma das finalidades do projeto é dar importância e problematizar os fatos do dia-a-dia. Chamar atenção a insuficiência dos conhecimentos cotidianos sobre meio ambiente na sala de aula, pesquisar e discutir possíveis abordagens teórico-metodológicas dos conceitos. Acreditando ser fundamental levar em consideração o conhecimento escolar e as necessidades, os desejos e os saberes de professores e alunos, a contribuição se dará na perspectiva de não só propor temas sobre Meio Ambiente, mas também considerar conteúdos e abordagens de interesse direto da escola, da sala de aula, dos professores e dos alunos e que também possuam relevância social. Desse modo, serão feitas sugestões para as pesquisas e práticas desenvolvidas no ensino de biologia. Os alunos devem se envolver como sujeitos que desenha/lê/escreve a história ambiental da região, como sujeitos procurando estabelecer um vínculo entre a população e a diversidade biológica (Diegues,1998). Segundo este autor, é necessário se conhecer as relações entre a manutenção da diversidade biológica e a conservação da diversidade cultural. Em um país como o Brasil, que possui grandes desigualdades sociais; no qual o Meio Ambiente é rapidamente degradado em razão de um desenvolvimento que move a economia e o acúmulo de riqueza de poucos, é necessário, que os educadores, cada vez mais, viabilizem condições de trabalho que abordem questões sócio-históricas, pois assuntos como fome, desmatamento, poluição, falta de saneamento básico, habitação, problemas de saúde, acúmulos de metais pesados na cadeia alimentar, eutrofização (fertilização de ecossistemas aquáticos), dentre outros, deverão ter uma forma diferente de abordagem na sala de aula, desde o ensino fundamental ao médio. A discussão dessas questões, quando conduzida com profundidade, poderá contribuir para superar esses problemas e, conseqüentemente, viabilizar a melhoria da qualidade da educação e de vida.

2. METODOLOGIA

O trabalho está sendo realizado em duas Escolas públicas do Município de Jataí-GO. Em cada uma das escolas, será trabalhada uma turma do Ensino Fundamental, escolhida aleatoriamente. Inicialmente foi aplicado aos alunos um formulário em que os mesmos descreverão as suas experiências em relação a Educação Ambiental: a) o grau de dificuldade no aprendizado; b) o interesse; c) importância em relação ao conjunto de conteúdos abordados na série. Nas turmas escolhidas estão sendo realizadas oficinas didáticas, jogos educativos e abordagens práticas em educação ambiental. Serão propostas questões para debate como: conceituar e diferenciar coleta seletiva, reciclagem e gestão de resíduos; O que precisamos mudar em nossa relação e conceito de “lixo”?; etc.. As abordagens práticas são executadas como por exemplo:

A Vida de um Rio

Objetivo: Descobrir a riqueza que um rio contém e analisar o problema de sua contaminação.

Passos:

1. Em subgrupos, modelar, pintar, desenhar ou construir um rio desde a sua nascente até a foz. Para isso, oferecer cartolinas, marcadores, etc., motivando a criatividade do grupo (pintar ou desenhar o que quiserem).
2. Cada grupo explica a sua obra.
3. O coordenador ajuda na reflexão formulando três perguntas:
 - _ Quais os elementos que mais se repetiram?
 - _ Como se apresentaram os problemas da contaminação (encanamentos, lixo industrial, etc)?
 - _ Quais as conseqüências sobre as pessoas e sobre a natureza?

4. Acompanhar a reflexão com algum tipo de leitura científica.

As oficinas didáticas, jogos educativos e abordagem práticas serão adequados ao conteúdo programático e a faixa etária dos estudantes. A partir do quarto bimestre letivo serão escolhidos aleatoriamente dois grupos de alunos da mesma série daqueles trabalhados com abordagem prática. Nestes alunos será aplicado um questionário, ao qual também serão submetidos os alunos trabalhados com abordagem prática. Serão avaliados os conhecimentos teóricos que embasaram as aulas práticas, procurando quantificar o grau de aprendizagem nas duas turmas. Posteriormente serão realizadas análises estatísticas com as notas do terceiro e quarto bimestres assim como os questionários aplicados das turmas com e sem aulas práticas das duas escolas, com o objetivo de avaliar e quantificar a importância de uma abordagem prática no Ensino Fundamental e Médio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, ainda não foram coletados resultados que permitam uma discussão.

4. CONCLUSÃO

Até o momento, ainda não foram coletados dados que permitam qualquer conclusão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARZANO, M.A.L. Concepções de Meio Ambiente: um olhar sobre um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Dissertação de Mestrado/ UFF, Niterói-RJ, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Educação Ambiental – Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília, 2003. Disponível em:< <http://www.mec.gov.br>> . Acesso em: 16 mar. 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Avaliação da Educação Básica – SAEB/ENEM. Brasília, 2004a. Disponível em:< <http://www.inep.gov.br>> . Acesso em: 17 mar. 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Qualidade da educação: uma nova leitura do desempenho dos estudantes da 3ª série do ensino médio. Brasília, 2004b. Disponível em:< <http://www.inep.gov.br>> . Acesso em: 15 mar. 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Relatório Nacional 2001. Brasília, 2001a. Disponível em:< <http://www.inep.gov.br>> . Acesso em: 17 mar. 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Saeb 2001-Novas Perspectivas 2001b. Brasília, 2001. Disponível em:< <http://www.inep.gov.br>> . Acesso em: 15 mar. 2005.

DIEGUES, A. C. O Mito Moderno da Natureza Intocada. São Paulo: HUCITEC, 1998. 2ª ed. p. 1- 126.

KRASILCHIK, Myriam. Prática de Ensino de Biologia. 6. Ed. São Paulo. Harbra, 1996. P. 1- 267.

LEFF, E. As Universidades e a Formação Ambiental na América Latina. In: ZANONI, M. e FERREIRA, A. Meio Ambiente e Desenvolvimento: a Universidade e a Demanda Social. Curitiba, PR: Cadernos de Desenvolvimento e Meio Ambiente, 1998.p. 1- 156.

PEREIRA, J.E.D. Formação de Professores: pesquisas, representações e poder. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. P. 1- 138.

¹ Bolsista PROLICEN. Campus Avançado de Jataí/UFG – Centro de Ciências Agrárias

² Colaborador/ Campus Avançado de Jataí/UFG, piochon2001@yahoo.fr

³ Orientador/ Campus Avançado de Jataí/UFG, smarianos@uol.com.br